

PINGA-FOGO

■ **TJRJ COM NOVO PRESIDENTE** - Nesta segunda-feira (25), o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ) elegeu o seu novo presidente, para o biênio 2025/2026. Com apoio de 116 colegas (63% do colegiado) o desembargador Ricardo Couto de Castro superou o desembargador Luiz Zveiter, que teve 65 votos (35%), e presidirá a Corte a partir de fevereiro do ano que vem. Três desembargadores anularam o voto.

■ “Eu espero tornar o judiciário mais aberto ainda, mais democrático. Ele já vem se encaminhando no sentido de ser o mais acessível à população. Então para a população eu gostaria de dizer que podem esperar um judiciário eficiente, rápido e democrático”, disse Castro.

■ **O novo presidente do TJRJ é graduado em direito pela Uerj, pós-graduado pela Universidade de Coimbra, professor palestrante da Escola da Magistratura do Estado do Rio (Emerj), coordenador acadêmico de direito administrativo da Emerj desde 2019 e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).**

■ Os desembargadores também elegeram Claudio de Melo Tavares como novo membro titular do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-RJ); Claudio Brandão de Oliveira como o novo corregedor-geral da Justiça; e Cláudio Luiz Braga Dell’Orto o novo diretor geral da Escola de Magistratura.

■ **OAB-RJ FEMININA** - Ainda nesta segunda-feira (25), outra eleição movimentou o meio jurídico. Pela primeira vez na história, a Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro (OAB-RJ) será comandada por uma mulher. A chapa “OAB Unida e Renovada”, encabeçada por Ana Tereza Basílio e tendo Sylvia Drummond como vice, foi a vencedora, com 31.810 votos (60,1% dos votantes).

■ “Foi uma grande conquista das mulheres advogadas, porque quebramos o teto de vidro da OAB-RJ depois de 94 anos. E é também a primeira vez no Brasil que uma chapa encabeçada por duas mulheres vence numa seccional”, disse Ana.

■ **Rafael Caetano Borges** (secretário-geral), **Sérgio Antunes Lima Junior** (secretário-geral adjunto) e **Fábio Nogueira Fernandes** (diretor-tesoureiro) completam a chapa vencedora.



Sul Fluminense: 2 anos fazendo história na região do Vale

O aniversário de dois anos do jornal Correio Sul Fluminense, do Grupo Correio da Manhã, foi comemorado em grande estilo nesta segunda-feira, dia 25, em um evento memorável na Câmara Municipal de Volta Redonda, que reuniu lideranças de toda a região.

O diretor de redação do grupo, o jornalista Cláudio Magnavita, recebeu das mãos do vereador Edson Quinto, presidente da Câmara, o título de Cidadão Voltarredondense.

Uma exposição contando a história do jornal Correio Sul Fluminense, através das

principais primeiras páginas ao longo dessas mais de 500 edições, pode ser conferida no Hall de estrada da Câmara e poderá ser conferida ao longo da semana.

Entre as lideranças políticas que marcaram presença no evento, estava o prefeito de Volta Redonda, Antonio Francisco Neto. O político aproveitou a ocasião para parabenizar Magnavita pela iniciativa de firmar um novo jornal impresso na região – especialmente, pela consolidação de um parque gráfico exclusivo para o jornal em Volta Redonda - e pela crescente presença do Correio Sul Fluminense.



Cláudio Magnavita recebe o título de cidadão voltarredondense do presidente da Câmara, o vereador Edson Quinto



Magnavita, os prefeitos de Resende, Diogo Balieiro, de Volta Redonda, Antonio Francisco Neto, e Gisele Klingner



Equipe do jornal, Lanna Silveira, Laura Pace, Ana Luiza Rossi, Sônia Paes, Cláudio Magnavita, Marcos Salles, Vanessa Peixoto, Roberta Caulo, Rondineli Silva e Vinicius Pires



Sônia Paes, Magnavita e o vereador Halison Vitorino



Magnavita e o vereador Lela



Magnavita, a futura primeira-dama de Piraí, Maria Lúcia Cautiero, o assessor da CSN, Aurélio Paiva e Edson Quinto



Magnavita e o vereador Ednilson Azevedo



Magnavita e Edson Quinto

Fotos CSF



O deputado Jari de Oliveira, Magnavita, o vereador Raone Ferreira, e a vereadora eleita Gisele Klingner



Autoridades se posicionam para o Hino Nacional



Gleidson Gomes, presidente da CDL-BM, e Magnavita



Magnavita e Raone Ferreira

Fernando Molica

Os que vão tentar fingir distância da rataria

O indiciamento de Jair Bolsonaro e as evidências apuradas pela Polícia Federal levam a direita para um desafio: o que fazer com o ex-presidente — bom de voto, ruim de golpe e péssimo no respeito à democracia?

Acossado pelo fenômeno Pablo Marçal e muitas vezes acusado de não orar pela cartilha bolsonarista, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), apelou para a narrativa que fala em... narrativa, em uma suposta armação contra o ex-capitão e seus explosivos aliados.

Outros possíveis candidatos da direita que de uns anos pra cá ousa dizer seu nome estão quietos, como se isso fosse suficiente para esconder o que eles fizeram em eleições passadas.

Diante de uma eventual condenação do ex-presidente é previsível que

muitos políticos que pegaram carona em sua popularidade venham a público dizer que estão chocados, que jamais imaginavam que ele seria capaz de articular um golpe.

Cada um que defenda suas posições, mas não vai ser fácil desvincular Bolsonaro da maioria dos políticos de direita ou que passaram a se apresentar como vinculados a esse campo ideológico.

Diferentemente de tantos outros parlamentares e governantes, o ex-capitão nunca escondeu quem é e o que pensa — até porque, como já admitiu, a defesa do indefensável (golpe, ditadura, tortura) é que lhe garantia presença em programas de TV e em jornais. Sempre esteve do lado da “rataria”, para citar a palavra mencionada por um dos militares golpistas.

Ele antecipou a lógica da laçação

que depois seria adotada e produzida em quantidades industriais por sua assessoria. Foi ele que colocou à porta de seu gabinete cartaz em que ironizava famílias que buscavam localizar restos mortais de parentes mortos na tentativa guerrilheira no Araguaia: para o então deputado, apenas cachorro procura osso.

Nem o maior dos adversários do ex-presidente pode negar que ele sempre foi fiel ao que pensa, nunca tentou adaptar ou amenizar suas opiniões, nem mesmo quando, na pandemia, optou por colocar em risco milhões de brasileiros — muita gente morreu vítima da irresponsabilidade federal.

Sua participação no golpe — confirmada por dois dos então comandantes das Forças Armadas — não seria assim qualquer surpresa, mas uma

confirmação de lealdade do presidente ao Cavalão, seu apelido na Academia Militar das Agulhas Negras.

Entre os que montaram no Cavalão que passou selado à frente estão alopados, políticos novos e raivosos, mas há também muitos experientes, donos de carreiras construídas ao longo do tempo. Estes sempre souberam que a opção bolsonarista poderia, no limite, acabar com seus empregos no Congresso ou em governos estaduais.

Mas, mesmo assim, foram adiante. Não atentaram nem mesmo para o exemplo de João Dória que, eleito pelo voto BolsoDória, experimentou o veneno presidencial assim que deixou claro seu interesse em concorrer ao Planalto. Achou que a concorrência seria abençoada por quem sempre defendeu a ditadura.

Na Presidência, Bolsonaro fez questão de deixar feridos pelo caminho, mostrou que defendia apenas uma família, a sua. Mas, graças à sua popularidade, continuou ganhando aliados — fez até com que Valdemar da Costa Neto, o pragmático presidente do PL, descobrisse uma ideologia pra chamar de sua.

A última eleição mostrou que a fila da direita começou a andar, que o ex-presidente não é tão dono dos votos que julgava ter. Alvo de tantas acusações, seu prestígio tende a ser ainda mais abalado. Agora, precisa provar que não fez o que tantas vezes ameaçou fazer.

Antigos aliados têm também uma tarefa complicada — dizer que nunca souberam ou desconfiaram de nada, que ficaram longe da rataria.